



*Eis aqui o que a maconha pode fazer
no corpo e na mente de um adolescente*

"Mas é só um baseado"

PER OLA E EMILY D'AULAIRE

QUANDO Heather Brooks passou para o segundo grau, em 1991, seu orientador viu nela um grande potencial. No primeiro semestre, ela tirou boas notas. Participou de muitas atividades extracurriculares. Estudante de piano clássico, enchia com Chopin e Beethoven a casa de sua suburbana família de Chicago.

Mas em seguida, a menina de 14 anos fez amizade com alguns adolescentes mais velhos, e sua vida deu uma súbita virada. Uma noite, ela estava com eles num parque da vizinhança quando Justin, um veterano alto e bonito, ofereceu-lhe um cigarro de maconha.

– Dê uma tragada – insistiu –, você vai ficar muito doída.

No início ela resistiu. Sempre fora contra drogas. Mas Justin tranqüilizou-a.

– Não é droga – disse ele.
– É só um baseado.

Heather decidiu experimentar.

– Tá bom – cedeu. – Só uma vezinha.

Instruída pelos amigos, puxou a fumaça de aroma doce para dentro dos pulmões e segurou-a ali até achar que ia explodir. Depois vieram mais tragadas. Enquanto soprava os restos de fumaça, ela sentiu-se tonta – e eufórica. “Quero mais uma tragada”, implorou, puxando o braço de Justin.

A MACONHA CONTÉM cerca de 60 compostos chamados canabinóides. O mais psicoativo deles é o delta-9-tetra-hidrocannabinol (THC). Diferenças nos vários tipos de erva fazem com que a potência da maconha varie bastante. Mas, como resultado da seleção no cultivo, a maconha fumada hoje pode conter de 10 a 20 vezes mais THC do que aquela fumada nos anos 60 e no início dos anos 70. Mais de 400 outras substâncias químicas são também encontradas na planta. Muitos de seus efeitos ainda são desconhecidos.

Quando Heather puxou a fumaça para os pulmões naquela noite, as moléculas de THC atravessaram as finas paredes dos alvéolos pulmonares e penetraram na corrente sanguínea. Em poucos minutos, uma pesada dose de THC atingia o cérebro.

No cérebro há uma barreira biológica que permite a entrada de oxigênio, nutrientes, hormônios e açúcar, bloqueando os componentes desnecessários, às vezes, tóxicos. Certas drogas psicoativas, entretanto, podem romper

este bloqueio. Lipossolúveis, o THC e os outros canabinóides dissolvem-se nas membranas celulares do cérebro, compostas de moléculas de lipídios; depois, como barras de sabão molhadas, deslizam através da barreira.

DEPOIS DE MAIS algumas tragadas, Heather sentiu uma profunda satisfação. O tempo passava lentamente. As cores e sons pareciam mais intensos. *Uau!* – pensou ela. *Esta coisa é fantástica!* Sua viagem durou quatro horas.

O THC E OS OUTROS canabinóides permaneceriam em seu corpo durante semanas. As moléculas dissolvem-se não apenas no cérebro, mas também no fígado, pulmões, rins, testículos e ovários.

Ao contrário do álcool e de outras drogas hidrossolúveis, rapidamente eliminadas, os canabinóides, lentamente, separam-se dos lipídios e penetram outra vez na corrente sanguínea até serem finalmente eliminados pela urina.

HEATHER MAL PÔDE esperar pelo próximo convite dos novos amigos. Agora que tinha dado o grande passo e fumado um baseado, sentia-se fortemente ligada a eles. Tinha certeza que alguém traria mais baseado para dividir.

Ela não se decepcionou. No fim de semana seguinte, quando Justin lhe ofereceu uma erva, Heather aceitou-a avidamente. *Por que os adultos se preocupam tanto com um simples baseado?* – perguntava-se. Tudo o que sabia era que, quanto mais fumava, mais fantástica se sentia.

Nomes e alguns detalhes foram modificados para proteger a privacidade. Pela ajuda na elaboração deste artigo, Reader's Digest agradece ao Prof. David H. Farb, Ph.D., membro do Departamento de Farmacologia da Faculdade de Medicina da Universidade de Boston.

DENTRO DO CÉREBRO, cada neurônio (célula nervosa) gera pequenos impulsos elétricos. Compostos bioquímicos chamados neurotransmissores passeiam por entre os neurônios transmitindo estes impulsos até completar todos os circuitos necessários para processar e armazenar uma mensagem – uma imagem, som, pensamento ou sensação.

Certos neurônios, especialmente aqueles que controlam o equilíbrio, a necessidade de glicose e a percepção de tempo, som e cor, possuem receptores que prontamente se ligam ao THC. As moléculas de THC, assim, distorcem parte do sistema de processamento de informações do cérebro, alterando a percepção do tempo e aumentando os sons e as imagens visuais.

À MEDIDA QUE a primeira série de Heather – e o uso da maconha – avançava, o baseado foi deixando de ser apenas uma droga social. A primeira coisa que ela fazia ao acordar era fumar uma erva para sair da cama. A caminho da escola, fumava no carro de um amigo. Entre as aulas, fumava no banheiro. Estava sob efeito de maconha até quando cantou num concerto do coral da escola.

Para viajar, entretanto, precisava de doses cada vez maiores da substância. Ela usava um cachimbo, que concentra a fumaça dentro de uma câmara, de modo que nada se perca no ar. “A única coisa que se perde”, diz um fornecedor de cachimbos, “é você.”

Heather não se importava de precisar de doses cada vez maiores. Para ela, era sinal de coragem. “Vejam só o

quanto posso fumar sem ficar *doidona*”, gabava-se. E assim rejeitava qualquer idéia de vício. Baseado, seus amigos diziam sempre, era apenas um hábito, como tomar leite. Ela tinha certeza que podia largar a qualquer momento.

A INTERAÇÃO DO THC com os receptores do cérebro deseneadeia sinais intracelulares que produzem a sensação experimentada pelos usuários da maconha. Entre os usuários crônicos, o freqüente ataque destas células pelo THC pode causar tolerância à droga. Quando isto acontece, o usuário precisa de cada vez mais maconha para sentir o mesmo efeito.

QUANDO OS PAIS perguntavam como ia na escola, Heather sempre abria um grande sorriso. “Está tudo bem”, dizia. Como sempre fora ótima filha, Frank e Diana Brooks tinham todos os motivos para acreditar nela. Aos poucos, porém, Heather foi-se tornando uma grande mentirosa.

“Vou à casa de Amy depois da escola”, disse uma manhã, olhando a mãe nos olhos. Em vez disso, foi com os amigos para uma rua suja e sem saída, onde fumaram baseado até a hora do jantar.

Nas noites de sexta-feira, voltava para casa pontualmente no horário estipulado, às onze, e dava boa-noite aos pais. Depois que a fresta de luz sob a porta do quarto deles desaparecia, esperava dez minutos, descia na ponta dos pés e saía.

Quando o grupo fumava baseado, sempre bebia também – cerveja ou

misturas de vodca e suco de frutas. O álcool deixava Heather mais eufórica que nunca. Ela também ficava espantada de ver o quanto podia beber sem passar mal.

O THC E O ÁLCOOL juntos possuem um efeito muito maior do que cada um deles sozinho. Enquanto a maconha distorce o processamento de informações, o álcool potencializa os efeitos de um neurotransmissor chamado GABA, que se liga aos neurônios e reduz a velocidade de seus estímulos, produzindo um efeito sedativo.

O THC também pode reduzir a náusea. O vômito é a maneira natural de o organismo eliminar substâncias tóxicas. Se a mensagem do vômito for suprimida, como é durante o uso da maconha, pode haver acúmulo de perigosas quantidades de álcool, causando, em raros casos, intoxicação, lesões a órgãos vitais e até a morte. Enquanto Heather achava "esperteza" poder beber tanta cerveja ao fumar maconha, seu corpo estava como uma corda de violão, prestes a romper-se.

NA ESCOLA, as ausências de Heather começaram a aumentar, e suas notas despencaram. Entretanto, durante algum tempo ela continuou a enganar os pais. Quando os boletins chegavam pelo correio, ela os interceptava e, com a ajuda de um corretivo e de uma máquina copiadora, transformava D e F em A e B. Até acrescentava alguns comentários: "Heather é uma aluna aplicada", escreveu, imitando a letra de uma das professoras.

Ao término da primeira série, sua

média caíra de 4.0 para 1.2, e ela havia acumulado 39 faltas.

Heather também abandonou muitas de suas atividades extracurriculares. Quando os pais perguntavam por que, dizia apenas que precisava de mais "espaço". Diana e Frank Brooks atribuíam isso a uma agitação normal de adolescente.

Agora, ela não precisava mais de ninguém nem de nada – a não ser da próxima viagem. Sua vontade e sua determinação tinham desaparecido, substituídas por total apatia.

As drogas tornaram-se sua vida. Ela não conseguia parar. Em seu diário, escreveu: "O baseado é um mar de destruição. Estou me afogando."

Sempre com excelente saúde, Heather, agora, sentia-se mal a maior parte do tempo. Suas mãos e pés estavam constantemente frios. Ela acordava tossindo e cobria o rosto com o travesseiro para que os pais não pudessem ouvi-la. Notou, também, que seu ciclo menstrual se tornara irregular.

Seus pais perceberam as mudanças. Mas não conseguiram descobrir a razão, e ficaram preocupados.

ALGUNS ESTUDOS MOSTRAM que, bem no interior do cérebro, o THC pode suprimir os neurônios do hipocampo – onde as memórias de curta duração são processadas e enviadas a outras áreas do cérebro para armazenagem. Como resultado, a capacidade de aprender e de lembrar eventos recentes pode ser prejudicada.

O cigarro de maconha pode ter três vezes mais alcatrão do que o cigarro comum. Sua fumaça irritante dilata os

vasos sanguíneos, deixa os olhos vermelhos e inflama os delicados tecidos nasais. O uso regular pode levar à bronquite crônica.

Estudos in vitro usando material humano e animal mostram que a maconha pode diminuir a capacidade dos leucócitos de combater infecções.

Além disso, a droga afeta o centro do apetite, causando surtos de "mastigação" – grande necessidade de doces.

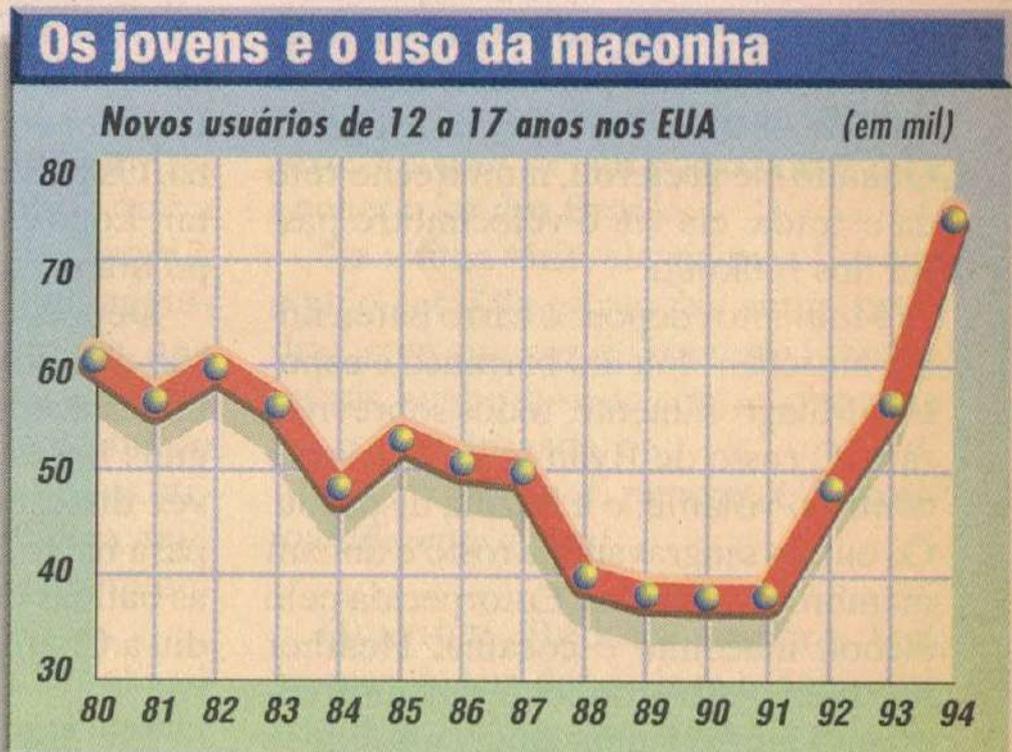
O ataque final da maconha é à glândula pituitária, que regula os hormônios sexuais. Os estudos mostram que, nos homens, a produção de espermatozoides pode diminuir. Nas mulheres, a ovulação pode ser interrompida.

NA SEGUNDA série, Heather já conhecia todos os truques. Para disfarçar o cheiro de maconha no quarto, exalava amaciante de roupas dentro de um rolo de papel-toalha vazio. Carregava colírio para clarear os olhos vermelhos. Antes de ir para casa, gargarejava com um anti-séptico bucal ou mascava chiclete de canela. Tinha sempre consigo uma camiseta limpa para uma festa, deixando de lado a outra com cheiro de fumaça.

Quanto mais usava maconha, mais queria. Encorajada pelos amigos, experimentou uma variedade de substâncias alucinógenas: LSD, mescalina,

crack, codeína, cocaína e anfetaminas. Entretanto, a maconha continuava sendo sua "droga de escolha". Com ela começou, e com ela acabaria.

SEGUNDO OS ESTUDOS, há estágios de desenvolvimento no uso de drogas, embora uma droga não leve necessariamente ao estágio seguinte. Um usuário de maconha provavelmente come-



FONTE: SUBSTANCE ABUSE AND MENTAL HEALTH SERVICES ADMINISTRATION OFFICE OF APPLIED STUDIES, U.S. DEPARTMENT OF HEALTH AND HUMAN SERVICES

çou com álcool ou cigarro. Os pesquisadores dizem que poucas pessoas experimentam outras drogas ilícitas sem ter experimentado a maconha antes. Uma análise de 1994 mostrou que os adultos que usaram maconha quando crianças tinham 17 vezes mais chances de tornar-se usuários regulares de cocaína.

NUMA NOITE QUENTE, no final da segunda série, Heather estava no que se tornara, para ela, uma festa rotinei-

ra: os pais do anfitrião estavam fora, havia muita bebida e uma variedade de drogas. Heather não deveria estar ali. Em reuniões com o orientador da escola, seus pais souberam de suas notas baixas e constantes faltas. Eles agora suspeitavam de álcool ou drogas e a policiavam. Mas naquela noite tinham saído. Heather achou que podia fugir e voltar antes deles.

Por volta das 10 horas, ela pulou no banco traseiro de um carro com mais quatro, de carona para casa. Ryan, ao volante, estava bêbado e drogado. Quando ele acelerou, num trecho reto da estrada, ela viu o velocímetro passar dos 160km/h.

Momentos depois, o carro bateu numa mureta, rolou um barranco e capotou. Milagrosamente, todos sobreviveram. O rosto de Ryan foi imprensado contra o volante, e a buzina disparou. Os outros sangravam no rosto e tinham membros fraturados. Entorpecida pelo álcool, maconha e cocaína, Heather não sentia seus próprios ferimentos, enquanto ajudava uma amiga a soltar-se das ferragens.

QUANDO UMA PESSOA se fere de repente, neurotransmissores chamados endorfinas estimulam receptores opiáceos naturais no cérebro e temporariamente bloqueiam a dor. A maconha é um analgésico, e oferece outro método de aliviar a dor.

HEATHER SOFRERA graves lesões nas costas e pescoço, e precisaria de um ano de fisioterapia.

“Não sabia que Ryan tinha bebido”, mentiu para os pais. Estes que-

riam desesperadamente acreditar nela. Aliviados pelo fato de estar viva, perdoaram-na “só essa vez” por sair escondido. Dali em diante, avisaram, seriam mais rigorosos. Mas, enquanto se recuperava em casa, Heather fumava baseado escondido.

Ela namorara Charlie Evans, que era bonito, atlético e fazia sucesso com as garotas, e também usava maconha e cocaína.

Uma noite, três meses depois do acidente, Charlie apareceu na casa de Heather com alguns gramas de cocaína. Os pais dela haviam saído para jantar. Logo estavam os dois cheirando o pó branco através de canudinhos.

Depois de várias carreiras, o coração dela começou a disparar, algo que nunca acontecera antes. Ela fumou alguns baseados para relaxar, mas em vez disso ficou mais agitada. Olhava para baixo e via a blusa mover-se com as batidas do coração. Apavorada, pediu a Charlie que chamasse por socorro.

Ele discou 911. “Mandem alguém depressa”, gritou. Não esperou. “Tenho que me mandar antes que os tiras cheguem”, disse, saindo pela porta dos fundos.

No caminho para o hospital, o coração de Heather chegou a 196 batidas por minuto. “Fale conosco”, pediu um enfermeiro. “Não queremos perdê-la.”

A MACONHA é uma faca de dois gumes: aumenta as necessidades de oxigênio do coração, ao mesmo tempo em que diminui seu suprimento. Apenas dez tragadas num cigarro de maconha podem estimular o músculo cardíaco o

bastante para levar o batimento cardíaco das 70 batidas por minuto normais para 100 ou mais batidas por minuto. O coração então precisa de mais oxigênio. Entretanto, a maconha também eleva os níveis de monóxido de carbono no sangue, diminuindo o fornecimento de oxigênio.

Enquanto isso, a cocaína diminui o batimento cardíaco e provoca contração dos vasos. Em Heather, a combinação de drogas deixou seu ritmo cardíaco perigosamente fora de controle.

AO ENCONTRAR HEATHER em tratamento intensivo e descobrir que a causa fora uma overdose de cocaína, Diana Brooks caiu num pranto angustiado. Era este o chamado de que Heather há tanto precisava – e seus pais também. “Você estava no fundo do poço”, Frank disse à filha mais tarde. “Ainda somos seus melhores amigos – mas vamos vigiá-la a cada minuto.”

Todas as manhãs, Frank Brooks só ia para o trabalho depois que Heather entrava no ônibus. Quando ela voltava, a mãe estava à sua espera. Acabaram-se as caronas com amigos. Acabaram-se as festas.

Naquele verão, os pais levaram-na a uma casa de praia em La Jolla, Califórnia, para afastá-la dos “amigos”. Durante quatro semanas inteiras, Heather ficou trêmula, nervosa e suando, enquanto seu corpo se adaptava a uma vida mais saudável. Ela tinha tanta di-

ficuldade em se adaptar a qualquer tipo de rotina que não sabia a hora de comer ou dormir. Aos poucos, entretanto, seu cérebro entorpecido começou a funcionar. Frequentemente, ela pensava no tempo que passara no hospital: *Quase morri, e nenhum dos meus amigos sequer foi me visitar.*

DE VOLTA A CHICAGO, Heather parecia tão determinada a mudar sua vida quanto um dia estivera determinada a destruí-la. Recuperou-se nas matérias que havia perdido na segunda série. Os sons de seu piano voltaram a encher o lar dos Brooks.

Na última série, ela viajou à Europa com o coral da escola. Na antiga catedral, com sua voz de soprano junto às outras, lembrou-se do concerto em que aparecera drogada.

Faz só três anos, pensou. Como estou diferente agora!

HEATHER BROOKS sempre terá marcas de sua dança com o demônio. Ainda sente dor nas costas do acidente, e ocasionalmente vê sombras atrás de objetos em movimento, uma herança do uso de drogas.

Mas suas esperanças são tão grandes quanto foram um dia. Em 1995 ela entrou para a universidade, onde mantém médias altas e pretende estudar Direito.

“Escapei por pouco”, diz hoje. “Quase deixei meus sonhos desaparecerem numa nuvem de fumaça doce.”

QUEM TEM coragem para pensar tem coragem para fazer tudo.

Sir Alfred Sherman